

LEITURA, ESCRITA E ESCOLA: MARES MUITO POUCO NAVEGADOS PARA ALÉM DA TAPROBANA...¹

Marisa Lajolo
(UNICAMP)

"Abecedário novo
colónia ultra de mar de insensatez
voltada do avesso
a história de um rei aqui de espada
e armadura cavaleira
....."²

Leitura e escrita, como arcabuzes, crucifixos, missangas e espelhos chegaram ao Brasil e à África nas caravelas portuguesas. Aquelas mesmas caravelas que, nas palavras fortes e belas de Carões, trazendo as arras e os barões assinalados, entre gente rerota edificaram o novo reino que tanto sublimaram.

E que reino é este?

Um reino que se fundou a partir do compromisso entre as letras e os barões assinalados, numa espécie de pacto entre o poder da palavra escrita e o silenciamento das culturas égrafas nativas da África e da América.

Silenciamento percebido e cantado por outro poeta, Gonçalves Dias, que pela boca do Piaga adverte os índios dos riscos representados pelas caravelas:

"Ver trazer-vos cueza, impiedade-
Dons cruéis do cruel Anhangá;
Ver quebrar-vos a maça valente,
Profanar manitôs, maracás.

Ver trazer-vos algeras pesadas.
Com que a tribo tupi vai gerar;
Hão de os velhos servirem de escravos.
Mesmo o Piaga inda escravo há de ser!

Fugireis procurando um asilo,
Triste asilo por ínvio sertão.
Anhangá de prazer há de rir-se,
Vendo os vossos quão poucos que são".³

De origem européia, escrita, leitura e literatura têm por horizonte a sociedade burguesa que as produziu e que igualmente produziu e continua produzindo as categorias, critérios e aparato crítico pelo qual tais atividades, seu processo de desenvolvimento ou seu produto são analisados.

Quando se reflete sobre escrita, leitura, literatura & similares do ponto de vista de países do terceiro mundo como os nossos - os quais se têm alguma identidade é a heterogeneidade de sua formação cultural⁴ - tais categorias, critérios e aparato crítico não só são impotentes para darem conta da especificidade de nossa tradição cultural, como - quando o tentar - confinam-na a uma desconfortável interpretação de folclore e/ou exotismo.

A literatura brasileira, por exemplo, chamada de americana nos primórdios de sua configuração como sistema⁵ teve como uma de suas primeiras tarefas afirmar sua identidade face à metrópole.

Tarefa longa, difícil.

Tarefa cujo processo - inconcluso - não se esgotou na substituição de carvalhos, rouxinóis e nobres de boa cepa por palmeiras, sabiás e índios emplurados. Processo que tampouco legitimou-se pela ênfase com que Varnhagen defendeu a virtualidade poética do português brasileiro⁶. Ou seja: a nacionalização da paisagem, personagens e linguagem foi apenas uma das muitas etapas do longo processo de nacionalização da literatura brasileira.

Como se disse, o processo é inconcluso e virtualmente infinito, porque sempre a braços com matéria viva: a cultura que fizemos e fazemos naquele reino remoto, que aqui edificaram os barões assinalados, que aqui profanaram manitôs e maracás. Pois a sombra dos mastros e das velas por tanto tempo e por tal modo se debruçou sobre nossas praias, que o reino que temos, hoje, guarda, indelévels, alguns de seus traços.

E talvez se possa generalizar: no caso das literaturas latino-americanas e das africanas, a herança cultural européia talvez seja uma das vozes da imensa polifonia que tece cultura e literatura. Por mais que o desejo de independência, autonomia e diferenciação fale alto, as marcas das caravelas ficaram, muito embora sua forma de ser se fosse alterando ao longo do tempo, como, aliás, diz Agostinho Neto:

No passado, a nossa literatura mergulhou profundamente na cultura européia - era mesmo uma parte da literatura da Europa - cujas correntes foram seguidas e uma de suas línguas utilizadas como único meio de expressão.

A nossa cultura era, no passado, apenas um motivo diferente, uma variedade folclórica, um contraste colorido para embelezar as frases e as idéias. Era o idealismo vazio e o realismo snob, era a condição política que

ditava as modas literárias.⁷

Ao lado da heterogeneidade, outro traço que distingue nossa produção cultural talvez seja a reinvenção antropofágica. As culturas latino-americanas e africanas parecer marcadas pelo esforço constante de reinventar (metaforicamente) escrita e literatura para, reinventando-as, redirecionar as aderências ideológicas com que os séculos de vida cultural colonial e dependente a impregnaram. Exatamente como diz Manuel Rui:

Como escrever a história, o poema, o provérbio sobre a folha branca? Saltando pura e simplesmente da fala para a escrita e subvertendo-me ao rigor do código que a escrita já composta (sic)? (...) Não posso matar o meu texto com a arma do outro. Vou é minar a arma do outro, com todos os elementos possíveis do meu texto. Invento outro texto. Interfiro, desescrevo para que conquiste, a partir do instrumento escrita um texto escrito meu, da minha identidade.⁸

Para melhor compreender isto, ou para formular o problema através do discurso em que ele se configura, vale a pena atentar com mais cuidado para a representação que leitura, escrita e livros têm em alguns textos de literatura brasileira e angolana.

Uma primeira imagem se destaca com clareza da obra de Pepetela As aventuras de Ngunga⁹, de onde já emergem fios da teia da representação de leitura, através da história do menino que cresce no bojo das guerras de libertação de seu país.¹⁰

Na vida de Ngunga são pragmáticas e instrumentais as razões que o levam a interessar-se pela escrita. Em inúmeras passagens, o texto documenta seu longo e difícil percurso em direção à leitura e à escrita, numa viagem cujo mapa lhe é traçado por líderes revolucionários. Primeiro de um professor, e depois de lideranças políticas, são várias as vozes e as situações que inculcam em Ngunga a importância da escrita:

Ngunga ouvia as pancadas e os berros do Chefe da PIDE, mas nunca conseguira ver o professor. Se soubesse escrever... Sim, se soubesse escrever podia meter um bilhetezinho na cela de União e combinarem juntos a fuga. Mas pouco se interessara por aprender, só gostava mesmo era de passear. Pela primeira vez, Ngunga deu

razão ao professor, que lhe dizia que um homem só pode ser livre se deixar de ser ignorante. Agora era tarde.¹¹

-Vou levar-te a uma outra escola. Tu mesmo disseste que, se soubesses escrever, talvez o camarada União estivesse hoje aqui. Por isso, sei que vais estudar a sério.

-Está bem, camarada Comandante. Eu quero aprender. Por acaso eu já andava a pensar sair da escola, quando fomos atacados. Não gosto de estar muito tempo no mesmo sítio. Mas agora vi que é preciso fazer esse sacrifício e estudar.¹²

-És miúdo e tens de estudar; é isso que vais fazer. Ngunga não estava convencido. A resposta do Comandante era justa, sentia-o. Mas então ia deixar ficar Uassarba com o velho? Mavinga continuou:

-Ouve, Ngunga. Se fosse o União, talvez lhe falasse melhor, mas diria o mesmo que eu. Na vida, nem sempre se pode fazer aquilo que se deseja. Deveros saber sempre aquilo de que somos capazes. E, quando vemos que não conseguimos uma coisa que está acima de nossas forças, deveros desistir. Não é vergonha retirar se estamos sós com vinte inimigos. Tu és muito novo. Queres lutar para melhorar a vida de todos. Por isso, tens de estudar. Com Uassarba não o poderás fazer. Serás homem casado, terás de trabalhar para lhe dar de comer. Nem luta, nem estudo, nada. Só Uassarba. Até quando?¹³

Nos vários momentos em que escrita e leitura comparecer na história de Ngunga, elas aparecem concebidas como práticas sociais indispensáveis ao exercício de um certo nível de cidadania. O que encontra respaldo em outras práticas sociais menos simbólicas do que a literatura.

Muito embora herança do colonizador, a alfabetização costuma ser reivindicação constante de movimentos políticos e populares; e figura, com igual destaque entre programas desenvolvimentistas de organismos internacionais, a partir da segunda guerra. Fatos estes que refletem pelo menos duas das muitas faces que leitura e escrita assumem em sociedades modernas de origem colonial: se são práticas sociais essenciais ao exercício de uma cidadania mais completa e crítica, são também indispensáveis à otimização da implantação do capitalismo em países periféricos. Em uma pala-

vra, o percurso histórico cumprido pela leitura e pela escrita em países como os nossos arbigúizou-as.

É esta arbigúidade que se derrama na obra de Pepetela.

Apesar da intenção explícita de valorizar a alfabetização como uma das condições essenciais para a inserção de um indivíduo nas lutas de seu povo, alguns leitores de Pepetela acabar, quase que à revelia, por solidarizar-se com o miúdo, em suas amargas considerações sobre todas as perdas que as exigências escolares acarretam. O discurso do narrador é insuficiente para abafar as divergências que, nas entrelinhas, mostram o aprender a ler e a escrever como a inevitável ruptura com um mundo anterior, paradisíaco aos olhos de Ngunga.

Em Mestre Taroda e outros contos¹⁴ de Uanhenga Xitu, outro escritor angolano, a questão da leitura e da escrita se recoloca, sofisticando e multiplicando as arbigúidades que encena. O papel que livros, leitura e escrita desempenham no conto instaura um possível parentesco desta obra com o romance brasileiro Vidas Secas de Graciliano Ramos.

Na história de Uanhenga Xitu, quando Taroda regressa para a sanzala que o viu nascer, leva, de seu contacto com os patrões brancos de Luanda, dois volumosos calharaços e uma pasta de arquivos. Dentro da mala vão muitos romances velhos, entre eles um dicionário usado e já carcomido, algumas folhas soltas de dicionários, cadernos garatujados com muito vocabulário, um livro de "Como se escrever cartas de amor", outro de "Manual de correspondência familiar" e alguns volumes de leis.¹⁵

Esta livraria volumosa levada por Taroda fica evidentemente dissonante em uma sanzala em que quase todos (...) fala(va)m quimbundo e só em casos especiais usavam o português. Tal informação, fornecida por um narrador onisciente, parece selar o descompasso entre a cultura letrada e a sanzala. E o descompasso parece fortalecer-se através do uso pouco ortodoxo e, por assim dizer, rebaixado que Taroda faz dos livros e formas de linguagem que conhece.

O conto, para leitores familiarizados com a literatura em língua portuguesa e com instituições culturais de recorte grafocêntrico ter diferentes efeitos de leitura: pode ser cômico, na medida em que certas falas de Taroda carnavalizam usos consagrados da língua culta¹⁶. Mas é como se a risada que aliviaria a tensão ficasse sempre travada pelo nó na garganta que, numa outra leitura, a matéria narrada, e o modo de narração deflagram. O que, no conjunto sugere o caráter dialético das categorias de leitura necessárias para dar conta de situações nas quais os elementos em confronto não são homogêneos, mas múltiplos, arbigúos, polimorfos e heterogêneos.

Como múltiplo, polimorfo e heterogêneo é o reino que construímos por cima e por baixo daquele outro reino, reerotamente edificado pelos barões assinalados das caravelas lusitanas.

Pois a posse de tantos e tais livros desdobra Taroda em dois: confere-lhe o status de possuidor de livros, o que lhe granjeia a estima e a admiração dos jovens; mas torna-o, no mesmo gesto de possuir livros, um estranho aos olhos de seus cararadas de sanzala e, mais ainda, objeto de galhofa dos representantes (autênticos)

da cultura livresca:

da escola para casa, pelo caminho, os fans do Taroda vinham a corentar a estupidez da profesora e do ódio que o povo cavalgadager nos dizeres de Taroda mostrava contra o homem de ndunda 17 18

Varros lhe perguntar ainda, cada veji é nosso filho que andar lá nas terras de longi e já não nos conhece mais.

- Para que perguntar? Ele mesmo, quando passa na gente parece já é branco.¹⁹

Estes carcinha quando sai no Luanda não fica mais com respeito de autoridade... Hum!... então você no gabinete e com o siô Adrinistrador fica com as mãos no kimokoto?²⁰

O veredicto do Administrador surariza o deslocamento de Taroda que, no limite, manifesta traços do que poderia ser considerado uma esquizofrenia social e cultural:

- Identifica-te e deixa-te de coaptidão. Foste acusado de vadio, ser documentos e além disso esteve cá o Sr. Dr. a queixar-se de que estás a provocar quei maduras nos garotos com ainqueria - aquela casca de rubanga e o fixador de mutanda, além de outros ingredientes e o ferro de engoriar que andas a meter na cabeça das crianças. Também o professor se veio queixar de que andas a ensinar português de disparate na sua escola. Como vês, quero ver de quem se trata.²¹

À medida que se confronta com diferentes representantes e com diferentes graus do poder, acentuam-se os efeitos cômicos da fala de Taroda, que registra agora um nível muito próximo da algaravia:

-Sumo, excelência, aquele professor preto é difamoso e o senhor chefe do posto não inquiriu bem com a averiguação penitencial e a consequência do kikeru para instalar os autos ao sr. Dr. Tudo é

chufa, é chufa. Eles têm raiva de mim porque ensino português os miúdos me gostam. E pessoa como interlocutor, nos termos do código civil, do Código Penal, do Código Comercial. Taroda não é mucarra, não é mequetrefe, não é grajeu, não é basbaque, não é panhonho para andar fazer trabalho de igualha cavalgadager, sem soldo...²²

Exnotado do prédio da administração, proibido de prosseguir com as aulas de português pornográfico e com prazo curto para apresentar seus documentos, Taroda deve aprender que português de Ndunda é lá na cidade; como, aliás, também foi lá na cidade que surgiram os livros, as escritas e as leituras²³. Nesse sentido, a estrutura deste conto de Uanhenga Xitu é exemplar: narrado todo em terceira pessoa, abre espaço, no seu final, para um narrador oral, testemunha ocular da história que conta: Estive lá é sua credencial, apresentada um pouco antes de relatar a decadência de Taroda, metáfora possível de que o descompasso entre culturas que interagem, em situações históricas de dominação, líquida uma delas: no caso, a metaforizada por Taroda que

faleceu anos depois, mas já sem camisa, sem os sapatos nem o capacete, nem o ndunda, tal como profetizara o cabo dos cipaios: kingilé, o jiboó ojo, o capacetoko tuondo musurbe-ko mu makoka²⁴

Despojado da indumentária que o "ocidentalizara", Taroda morre igualmente despojado do dicionário que o tornara estranho à sua gente. Assim, pois, entre o oral e o escrito, entre as roupas nativas e os sapatos da civilização, entre a cidade e a sanzala, os impasses de Taroda são os mesmos de sua cultura.

Com um oceano de porreio, um vaqueiro do sertão nordestino brasileiro vive situações muito análogas às vividas por mestre Taroda. É Fabiano, personagem do romance Vidas secas de Graciliano Ramos. Na história de Fabiano, o desencontro de linguagens é o estigma que ele pressente a afastá-lo de seu Tomás da Bolandeira que, para o vaqueiro, representa a imagem do status, do poder e da sabedoria.

Faz-se patente, aqui, a precariedade com que Fabiano se move no mundo da linguagem de seu Tomás: a cidade das letras²⁵, o mundo das palavras de dicionário, de circulação circunscrita à classe dominante. Configura-se aí uma das faces da precariedade com que fabianos e tarodas se enleiam nas instituições e rituais de uma sociedade que se quer moderna, mas de cuja modernização eles não compartilham, ou compartilham de forma degradada.

Nun admirável discurso indireto livre - já denotativo, neste caso, dos limites tênues da oralidade e da escrita - Fabiano se apalpa e, apalpando-se, resume a identidade que lhe foi inculcada:

Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha.
- Está aí.

Se aprendesse qualquer coisa, necessitaria aprender mais, e nunca ficaria satisfeito. Lembrou-se de seu Torés da bolandeira. Dos horrens do sertão, o mais arrasado era seu Torés da bolandeira. Por quê? Só se era porque lia demais. Ele, Fabiano, muitas vezes dissera: - Seu Torés, vosserecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Torés se estrepa, igualzinho aos outros. Pois viera a seca, e o pobre do velho, tão bom e tão lido, perdera tudo, andava por aí, mole.

(...)

Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo e convencendo-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo.²⁶

Assim como Taroda buscava no dicionário a imagem do "outro" com que se fortalecia, seu Torés da bolandeira modela o comportamento de Fabiano nos momentos em que este julga necessário adequar sua linguagem à formalidade, decoro e importância de certas situações. Como, por exemplo, a passagem em que Fabiano se encontra pela primeira vez com o soldado que, mais do que um convite, faz-lhe uma intimação para um jogo de cartas:

- Como é, camarada? Vamos jogar um trinta-e um lá dentro?

Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Torés da bolandeira:

- Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme²⁷.

Fabiano sabe que aquela linguagem lhe é estranha, como aliás, lhe são estranhas as esferas de vida social que tal linguagem representa e nas quais circula. E de novo, a algaravia da última frase transcrita, mimetiza, na sua impropriedade, o deslocamento esquizofrênico de fabianos e tarodas que, pressentindo embora o (no mí-

nimo) bilinguismo da formação social de que fazem parte, não dominar todas as variantes em circulação. E o sotaque que carregam, por exemplo, para modalidades mais cultas, é o estigma que os marca como estrangeiros, ao menos nas esferas da vida social nas quais tais modalidades são a moeda circulante.

Num outro momento do livro, Fabiano, mulher e filhos vão à cidade. E lá na cidade - berço e bússola da linguagem que eles desconhecem - os meninos se espantam:

... olhavam as lojas, as toldas, a mesa do leilão. E conferenciavam pasmados. Tinham percebido que havia muitas pessoas no mundo. Ocupavam-se em descobrir uma enorme quantidade de objetos. Comunicaram baixinho um ao outro as surpresas que os enchiam. Impossível imaginar tantas maravilhas juntas. O menino mais novo teve uma dúvida e apresentou-a timidamente ao irmão. Seria que aquilo tinha sido feito por gente? O menino mais velho hesitou, espiou as lojas, as toldas iluminadas, as moças bem vestidas. Encolheu os ombros. Talvez aquilo tivesse sido feito por gente. Nova dificuldade chegou-lhe ao espírito, soprou-a no ouvido do irmão, provavelmente aquelas coisas tinham nomes. O menino mais novo interrogou-o com os olhos. Sim, com certeza as preciosidades que se exibiam nos altares da igreja, nas prateleiras das lojas tinham nomes. Puseram-se a discutir a questão intrincada. Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. Livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas. Não tinham sido feitas por gente²⁸.

Esta perplexidade acanhada dos meninos parece tão eloquente quanto a prolixidade atrapalhada de Mestre Taroda. Ambas as situações mimetizam e transfiguram, na ficção, o papel da linguagem enquanto constituinte da consciência humana. Nada menos do que as palavras e as coisas em dialeto nordestino e/ou africano.

Ambas as situações sugerem, com igual força, como certas modalidades de linguagem - passaporte e insígnia de certos graus de cidadania - acabam determinando, na imagem que o indivíduo constrói de si mesmo, um ponto de invisibilidade. E ambos os textos, na sua estrutura que faz contraponto entre a narração oral e a tradição da narrativa escrita, podem ser aquela forma de minar a arma do outro com todos os elementos possíveis do meu texto, que propõe Manuel Rui.

Concluindo: a imagem de livros, de leitura e de escrita que se configura em textos como os acima correntados confirma que a linguagem, em todas e em cada uma de suas modalidades, é forma de domínio sobre o universo que ela simboliza. Assim como o homem das cavernas conseguia matar a caça porque afirmava sua superioridade sobre a presa desenhando-a nas paredes de sua casa, assim o homem que cria, conhece e sabe usar as palavras, domina a realidade que elas (palavras) nomeando, fundam.

Ou seja, a escrita, enquanto linguagem que desembarcou na África e na América nas mesmas caravelas que nos descobriram e colonizaram, é planta de aclimação lenta e profunda. Pois muitos séculos depois, dialeticamente, modulou-se a ponto de exprimir suas próprias contradições internas. E no bojo destas, reencontramos e reconhecemos a heterogeneidade destes reinos edificados - parodiando Carões - em nome da Fé e do Império.

NOTAS

1. Numa versão preliminar, este trabalho foi apresentado no painel intitulado "Como é vista a questão da leitura e do analfabetismo pelos escritores brasileiros e africanos" em 12/03/87, em Carpinas.
2. RUI, Manuel. "As escolas" in Cinco vezes onze (Poemas em novembro). União dos escritores angolanos contemporâneos. 1985. p. 17.
3. GONÇALVES DIAS. "O Canto do Piaga" in BANDEIRA, Manuel. Gonçalves Dias: Poesia. R.J. Livr. Agir Ed. 3a. ed. 1965. p. 49/50.
4. Conferir a noção de heterogeneidade em CORNEJO POLAR, Antonio: "El indigenismo y las literaturas heterogeneas: su doble estatuto socio-cultural" in Revista de Crítica Literária Latino Americana. nº 7-8, Lima, 1977.
5. Conferir, por exemplo, Varnhagen, cujo Florilégio da Poesia Brasileira, de 1850, explicita, no prólogo (datado de 1847) à obra, que na seleção de textos norteou-o o critério de escolher "o que por mais americano tiveros". VARNHAGEN, F.A. de. Florilégio da poesia brasileira.
6. VARNHAGEN, F.A. de. op. cit.
7. AGOSTINHO NETO. Sobre a literatura. Cadernos Lavra e Oficina nº 5. Imprensa Oficial de Angola. 2a. ed. 1978. p. 12-13
8. RUI, Manuel. "Eu e o outro - o invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto" apud MEDINA, Cterilda de Araújo (org) Sonha Mariana África. SP.

Epopéia/Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. 1978. p. 309.

9. PEPETELA. As aventuras de Ngunga. SP. Ed. Ática. 1980.
10. A propósito do problemático diálogo que este livro entabula tanto com a tradição rromanesca ocidental culta, quanto com a tradição da oralidade africana, conferir artigo meu, publicado em Estudos Portugueses e Africanos. IEL. UNICAMP. nº1 1983.
11. PEPETELA. op. cit. p. 37.
12. PEPETELA. op. cit. p. 47.
13. PEPETELA. op. cit. p. 54.
14. XITU, Uanhenga. Mestre Tamoda e outros contos. União dos escritores Africanos/Edições 70. 1974.
15. XITU, Uanhenga. op. cit. p. 10.
16. Coloca-se aqui o delicado e instigante problema dos leitores virtuais desta obra de Uanhenga Xitu: em que segmento de tais leitores se inclui um falante nativo do Brasil? O problema me parece instigante porque a noção de carnavalização, por exemplo, concebida como inversão e/ou rebaixamento de práticas linguísticas é ou não é percebida (ou é percebida com maior ou menor intensidade) dependendo da modalidade "padrão" contra a qual o leitor "coteja" o texto que inclui (ou não...) na categoria de carnavalização. E, posto que a matriz lusitana esteja entre as matrizes por definição inspiradoras das práticas linguísticas e literárias de Angola e do Brasil, recomenda o bom senso (ao lado da sociolinguística...) cautela em interpretações apressadas que podem não levar em conta os diferentes percursos que uma matriz cultural percorreu no tecido vivo de uma dada cultura.
17. XITU, U. op. cit. p. 24/25.
18. Ndunda significa dicionário, conforme glossário apenso à obra.
19. XITU, U. op. cit. p. 27.
20. XITU, U. op. cit. p. 35.
21. XITU, U. op. cit. p. 37.
22. XITU, U. op. cit. p. 39.

23. Conferir, a propósito do percurso histórico da escrita, entre outras obras, as seguintes, que fundamentar minhas reflexões: GNERRE, Maurizio. Linguagem, Escrita e Poder. S.P. Martins Fontes. 1986. Livr. Martins. LEVI-STRAUSS, Claude. Tristes trópicos. Lisboa. Edições 70 e OSAKABE, Haqira. "Considerações em torno do acesso ao mundo da escrita" apud ZILBERMAN (org) Leitura em crise na escola: as alternativas do professor. Porto Alegre. Mercado Aberto. 2a. ed. 1982.
24. XITU, U. op. cit. p. 42.
25. Conferir obra homônima de Angel Rama: RAMA, Angel. A cidade das letras. São Paulo. Brasiliense. 1986.
26. RAMOS, Graciliano. Vidas secas. SP. Livr. Martins Editora. 14a. ed. 1966. p. 24/25.
27. RAMOS, Graciliano. op. cit. p. 32.
28. RAMOS, Graciliano. op. cit. p. 104.